



ATELIÊS DIDÁTICOS: TECENDO UMA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA CONTINUADA PARA PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NA PERSPECTIVA DA DIDÁTICA SENSÍVEL

Cristina d'Ávila¹

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

RESUMO

A formação pedagógica de professores universitários vem sendo historicamente negligenciada no Brasil – tal fenômeno se reflete desde o ingresso na carreira universitária, o qual se restringe à titulação acadêmica, sem obrigatoriedade de preparo didático. Como resultado, a prática docente está baseada, em parte, na reprodução de modelos pedagógicos tecnicistas e em práticas conteudistas transmissionais. Essa lacuna formativa conduz à adoção de uma pedagogia focada, muitas vezes, e apenas, em processos cognitivos ou técnicos. Embora exista um público interessado em questões pedagógicas e no desenvolvimento do pensamento crítico, na atualidade, observa-se que pouco se considera o papel das subjetividades, emoções e corporeidade na formação de professores. Este artigo se propõe a analisar os efeitos de uma pedagogia e didática sensíveis na formação de professores universitários, considerando seu potencial transformador não apenas na estrutura do pensamento, mas também nas dimensões subjetivas presentes nas práticas pedagógicas. A pesquisa, de abordagem qualitativa e autobiográfica, utiliza diários de formação de docentes participantes dos Ateliês Didáticos promovidos pelo Núcleo de Formação e Assessoria Pedagógica da Universidade Federal da Bahia entre 2022 e 2023. Como resultado, a análise dos 42 diários de formação docente revelou um cenário complexo multifacetado da prática pedagógica no ensino superior, evidenciando tanto desafios estruturais quanto as potencialidades transformadoras de processos formativos baseados na abordagem sensível. Os registros demonstraram que os professores vivenciam um profundo processo de reflexão sobre suas concepções pedagógicas marcado por dúvidas e tensões ao se depararem com a necessidade de identificar e problematizar as bases que orientam sua prática.

Palavras-chave: Formação de professores universitários; Pedagogia universitária; Didática sensível; Assessoria pedagógica universitária.

DIDACTIC WORKSHOPS: WEAVING A CONTINUING PEDAGOGICAL TRAINING FOR UNIVERSITY PROFESSORS FROM THE PERSPECTIVE OF SENSITIVE DIDACTICS

ABSTRACT

The pedagogical training of university professors has historically been neglected in Brazil – this phenomenon is reflected from the moment they enter the university career, which is limited to academic qualifications, with no mandatory didactic preparation. As a result, teaching practice is based, in part, on the reproduction of technical pedagogical models and content-based transmission practices. This educational gap leads to the adoption of a pedagogy that often focuses solely on cognitive or

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui Pós-doutorado em Didática pela Universidade de Montréal, Canadá (2005- 2006) e Pós-doutorado em Docência universitária pela Universidade Sorbonne Paris 5 (2015-2016). Pesquisadora Visitante Sênior da Universidade de Montréal (2022-2023). Professora permanente do Programa de pós-graduação em Educação (PGEDU-UFBA). Coordenadora do Núcleo de Formação e Assessoria Pedagógica da UFBA (2023-2025). Coordenadora do Grupo de Estudos e pesquisas sobre Educação, Didática e Ludicidade (GEPEL-PGEDU-UFBA - atual). E-mail: cristdavila@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5946-9178>

technical processes. Although there is an audience interested in pedagogical issues and the development of critical thinking, it is currently observed that little consideration is given to the role of subjectivities, emotions, and corporeality in teacher training. This article aims to analyze the effects of sensitive pedagogy and didactics in the training of university teachers, considering its transformative potential not only in the structure of thought, but also in the subjective dimensions present in pedagogical practices. The research, with a qualitative and autobiographical approach, uses training diaries of teachers participating in the Didactic Workshops promoted by the Training and Pedagogical Advisory Center of the Federal University of Bahia between 2022 and 2023. As a result, the analysis of the 42 teacher training diaries revealed a complex multifaceted scenario of pedagogical practice in higher education, evidencing both structural challenges and the transformative potential of training processes based on the sensitive approach. The records demonstrated that teachers experience a profound process of reflection on their pedagogical concepts marked by doubts and tensions when faced with the need to identify and problematize the bases that guide their practice.

Keywords: University teacher training; University pedagogy; Sensitive didactics; University pedagogical consultancy..

TALLERES DIDÁCTICOS: TEJER UNA FORMACIÓN PEDAGÓGICA CONTINUA AL PROFESORADO UNIVERSITARIO DESDE LA PERSPECTIVA DE LA DIDÁCTICA SENSIBLE

RESUMEN

La formación pedagógica del profesorado universitario ha sido históricamente descuidada en Brasil. Este fenómeno se refleja desde el momento en que ingresan a la carrera universitaria, la cual se limita a títulos académicos, sin una preparación didáctica obligatoria. Como resultado, la práctica docente se basa, en parte, en la reproducción de modelos pedagógicos técnicos y prácticas de transmisión basadas en contenido. Esta brecha educativa lleva a la adopción de una pedagogía que, a menudo, se centra únicamente en procesos cognitivos o técnicos. Si bien existe un público interesado en cuestiones pedagógicas y en el desarrollo del pensamiento crítico, actualmente se observa que se presta poca atención al papel de las subjetividades, las emociones y la corporalidad en la formación docente. Este artículo tiene como objetivo analizar los efectos de la pedagogía y la didáctica sensitivas en la formación del profesorado universitario, considerando su potencial transformador no solo en la estructura del pensamiento, sino también en las dimensiones subjetivas presentes en las prácticas pedagógicas. La investigación, con un enfoque cualitativo y autobiográfico, utiliza diarios de formación de docentes que participaron en los Talleres Didácticos promovidos por el Centro de Formación y Asesoría Pedagógica de la Universidad Federal de Bahía entre 2022 y 2023. Como resultado, el análisis de los 42 diarios de formación docente reveló un escenario complejo y multifacético de la práctica pedagógica en la educación superior, destacando tanto los desafíos estructurales como el potencial transformador de los procesos de formación basados en el enfoque sensible. Los registros demostraron que los docentes experimentan un profundo proceso de reflexión sobre sus conceptos pedagógicos, marcado por dudas y tensiones ante la necesidad de identificar y problematizar los fundamentos que guían su práctica.

Palabras clave: Formación de docentes universitarios; Pedagogía universitaria; Didáctica sensible; Asesoría pedagógica universitaria.

INTRODUÇÃO

A lacuna na formação pedagógica de professores universitários, em geral, bacharéis especialistas em domínios específicos do conhecimento, constitui a maior problemática no campo da pedagogia universitária.

Historicamente professores universitários, no Brasil, como alhures, assumem a docência sem que tenham sido testados, nos concursos públicos, em suas competências pedagógico-didáticas. (Therrien e Dias, 2016; AUTOR, 2024). No máximo tal aspecto é observado por bancas de avaliadores no momento do ingresso via concurso ou seleção docente, em simulação de aulas de 30 ou 50 minutos. Aliás, diga-se de passagem, que antes disso, não é obrigatório ao docente universitário que demonstre, através da titularidade, formação mínima na área. A própria legislação brasileira, no caso, é omissa em relação a este propósito. A formação de professor para atuar no ensino superior se restringe ao artigo 66 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº. 9394/96. Esse artigo normatiza que a preparação para o exercício do magistério superior será realizada em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado. (Therrien e Dias, 2016).

Esse pouco caso com a formação pedagógica é sistêmico e, a nosso ver, a Universidade reproduz internamente a mesma condição. Suspeitamos por observação empírica que a instituição universitária reproduz ideologicamente a negligência quanto à formação pedagógica dos professores universitários. Paira implícito na cultura universitária que para ser professor são suficiente o domínio do conteúdo e bom senso nas relações na sala de aula. Mas, o que seria mesmo esse bom senso?

Várias consequências advêm dessa problemática: uma das quais se refere a adoção de uma pedagogia reprodutiva em classes universitárias, assentada sobre a reprodução de modelos de professores do passado individual de cada professor. (Pimenta e Anastasiou, 2002). Dito em outras palavras, o bom senso é o senso comum. Assim, o ensino universitário, baseia-se seja na reprodução de modelos tradicionalistas de ensino pelo qual o professor professa e o aluno absorve - numa espécie de depósito de informações como nos alertou, há décadas, Paulo Freire (2005) ao nominar essa pedagogia de bancária. Seja no domínio técnico do conteúdo com a ênfase no fazer operacional sem preocupações maiores com o desenvolvimento do pensar crítico -- casos muito comuns nas áreas técnicas e no ensino das ciências exatas, também com base em observações empíricas.

Não obstante, e cabe aqui uma importante reflexão, em muitos cursos, e em diferentes disciplinas científicas, seja nas áreas das humanidades, como também das ciências naturais e da saúde, observamos, por experiência própria como coordenadora de um Núcleo de Formação e Assessoria Pedagógica docente na Universidade federal da Bahia (NUFAP/UFBA), um público bastante interessado nas questões pedagógicas e com o desenvolvimento de um pensar crítico. Em variadas situações formativas, através dos *ateliês didáticos* (dispositivo formacional utilizado no NUFAP), atestamos os docentes professando serem signatários de correntes pedagógicas e didáticas críticas progressistas, com uma justa preocupação emancipacionista.

Contudo, observamos que o olhar para as subjetividades humanas, assim como para as questões afetivas e emocionais, não se encontram presentes nas pedagogias abraçadas e os professores seguem, muitas vezes, ensinando, preocupados com a transmissão de conteúdos, mas sem efetivamente se preocuparem com a transformação desses conteúdos em conteúdos internos, emocionais, subjetivos que estão na base de qualquer transformação social.

Este artigo tem como intento, pois, compreender os efeitos de uma pedagogia e didática sensíveis na formação de docentes, tendo em vista seu potencial transformador, não só nas estruturas do pensamento, mas nas estruturas do pensar, sentir, agir pedagógicos.

Assim, a partir de pesquisa qualitativa e autobiográfica, apoiada sobre diários de formação de professores participantes dos Ateliês didáticos realizados nos anos de 2022 e 2023, pretendemos trazer à luz, segundo a visão dos próprios professores, os impactos da formação, na perspectiva da didática sensível, em suas vidas profissionais.

METODOLOGIA

O método autobiográfico foi escolhido para realização da pesquisa. Trata-se de uma metodologia de investigação que se baseia na narração da história de vida de uma pessoa. É uma forma de compreender a subjetividade e as relações entre história individual e história social, no caso, entre história pessoal e história profissional, trajetória de vida dos participantes. Essa metodologia permite pensar a formação

docente em sua subjetividade e complexidade. Os participantes da pesquisa, na perspectiva adotada são *sujeitos da experiência* (Larrosa, 2002). Seguindo essa prerrogativa consideramos que a experiência atravessa a formação desses sujeitos expressa nas falas dos diários de formação transcritas e analisadas neste artigo. A escolha da metodologia se explica porquanto as narrativas pessoais escritas pelos participantes da pesquisa trazem um conteúdo eminentemente subjetivo, provindo de memórias marcantes afetivamente e de histórias vividas.

Foram selecionados os 85 professores participantes dos ateliês didáticos nos anos de 2023 e 2024, as turmas mais recentes. Desses professores, pudemos analisar 24 diários de formação, utilizando para isso a técnica da Análise temática. (Paillé e Mucchielli, 2008)

O contexto da pesquisa

O contexto da pesquisa é o Ateliê didático: um dispositivo de formação continuada para professores universitários, em voga desde o ano de 2016 na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Foi gestado desde 2015 a partir de nossa vivência em um estágio pós-doutoral realizado na Universidade Sorbonne Paris-Descartes, sob a supervisão de Michel Maffesoli, mais tarde publicado em livro de nossa autoria (D'Ávila, 2022). Trata-se de um curso, de natureza híbrida - presencial e online - de 60 horas, ofertado semestralmente, na maioria das vezes, a professores da UFBA. O Ateliê faz parte das ações do NUFAP vinculado à Pró-Reitoria de graduação e é a primeira ação formacional construída no seio desta universidade e seu pioneirismo veio recheado de êxito desde então, com participação expressiva dos professores.

Ao refletir sobre a empreitada exitosa, sobrevivem as razões subjacentes: a necessidade premente de formação pedagógica para professores, na maioria, bacharéis; a abordagem crítica sensível: o formato do atelier, seu conteúdo e métodos. Elenco essas categorias como sendo promotoras do êxito mencionado e a deslindaremos ao longo desta Introdução.

A premência dos professores universitários em relação à formação pedagógica nem sempre é consciente. Diria que parte de alguns uma certa angústia que sobrevém

a cada sensação de fracasso perante uma classe de estudantes desmotivados. De outro lado, professores altamente interessados nas questões pedagógicas saem em busca de atualizações que respondam as suas dúvidas e dilemas profissionais.

Porém, consideramos que só um curso presencial e online para professores, mesmo em formato inovador e passível de muitas adesões, não é em si suficiente. Como tal constitui medida esporádica que, sem solução de continuidade, pode se esgotar nas práticas de ensino.

Assim, a partir da necessidade do acompanhamento pedagógico dos professores, a APDU se erige. E suas marcas seguem os passos do ideário pedagógico professado nos ateliês didáticos. Seu formato online, interativo em rede, constitui ação inovadora. Sua prática sensível, sempre ancoradas na experiência e na compreensão que envolve afetos e intelectualidade confluem para um processo de assessoramento que ganhou espaço entre os professores na nossa experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Formação pedagógica de docentes na educação superior – fundamentos e breve histórico

Fala-se muito em formação pedagógica na Universidade, mas sentimos falta de uma compreensão mais profunda sobre o termo e sua aplicabilidade no contexto do docente universitário. Sentimos falta de uma visão científica sobre o trabalho de formação que, muitas vezes, segue, em diferentes instituições de ensino superior (IES), como acontecimentos episódicos e sem solução de continuidade.

Formação (do latim *formatio*²) significa ato ou efeito de formar, constituir ou criar. A formação acadêmica compreende cursos de graduação e de pós-graduação no sentido da educação de habilidades para o desenvolvimento de atividades profissionais em determinado campo de trabalho. Em amplo espectro, a formação é uma prática social inerente ao ser/estar no mundo e resulta de um processo complexo, multirreferenciado que envolve tempo, espaços, experiências e saberes específicos

² Dicionário etimológico. **Etimologia e origem das palavras.** Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2025

mobilizados para a constituição de um ser humano e profissional. Existem pelo menos dois tipos de formação institucionalizadas: formação inicial (ou profissional) e a formação continuada. Para Macedo (2012, p. 68):

[...] mesmo que compreendamos a formação como um fenômeno que se realiza no sujeito, como *ontogênese*, ou seja, como caminhada do Ser para seu aperfeiçoamento infundável, aqui, como *implicação* política e opção analítico-reflexiva, não a desvinculamos do contexto da organização e da experiência curricular-formativa, contexto esse, em que as pessoas experimentam práticas “formativas” veiculadas por iniciativas das mais diversas intenções e matizes e que se propõem a agir orientadas por um currículo e por políticas que as orientam.

A formação pedagógica é a formação voltada ao desenvolvimento de habilidades, competências e saberes, necessários ao trabalho educativo docente, seja para atuação na educação básica ou superior (incluindo-se a pós-graduação). Há cursos profissionais específicos que se ocupam da formação pedagógico-didática no âmbito acadêmico que são os cursos de licenciatura, no Brasil. Estes cursos formam o professor/a para a educação básica. Para a educação superior não há formação inicial específica. O professor deste nível de ensino se forma na pós-graduação e por meio da própria experiência como docente.

É muito recente a história da formação pedagógica de professores da educação superior na própria universidade brasileira. Data principalmente dos anos de 1990 com os estudos de Maria Isabel da Cunha (1998), em São Paulo, destacam-se Pimenta e Anastasiou, 2002 e Pimenta e Almeida, 2011; Masetto, 2002. Do Centro Oeste podemos citar Veiga, 2020; da região Nordeste, citamos D'Ávila e Veiga, 2012, Therrien e Dias, 2016, fundadores de uma Rede de pesquisadores do Norte Nordeste e Centro-oeste sobre educação básica e ensino superior– a RIDES.

Não são raros os estudos que, no Brasil, como em outros países, vem atestando o problema que se refere à lacuna na formação de professores universitários. Como alertamos na introdução, a maior parte dos professores do ensino superior aprendem a profissão durante a própria experiência de ensino, baseando-se muitas vezes em experiências pregressas, vividas no passado, enquanto estudantes. A esse modelo de “formação”, Pimenta e Anastasiou (2002) cunharam de artesanal.

Consideramos, pois, que essa perspectiva inercial, reproduzida praticamente de modo inconsciente entre professores e estudantes ao longo do tempo, está eivada de signos autoritários de tempos pretéritos: a ideologia conteudista abstrata, sem laivos de crítica, o papel onipotente do professor/a como transmissor/a de um conteúdo amorfo e ausência de formação do pensamento crítico.

De alguma maneira também baseada em um modelo inercial de ensino, a concepção tecnicista se instituiu durante a ditadura militar no Brasil e se estabeleceu, para além da educação básica, em vários cursos universitários, destacando-se os cursos de licenciatura, nos quais imperavam a hipertrofia da técnica, evidenciando-se a dicotomia entre conhecimento teórico e prático, adotando-se por base uma formação praticista de professores. As razões eram óbvias: tratava-se de uma pedagogia que reproduzia a ideologia política autoritária dos dirigentes políticos do país e, sobretudo, a partir de uma lógica instrumentalizadora bastante útil à ideologia liberal. A racionalidade instrumental sustentava, pois, o pressuposto da neutralidade científica mediante conteúdos “isentos” de carga ideológica, mas necessários à reprodução da desigualdade social.

Do ponto de vista da formação de professores universitários, esses modelos se replicaram. Como afirma Langevin (2007), no contexto da educação canadense, mas com semelhanças em outras realidades, a concepção de formação de professores, nessa perspectiva, é aditiva, ou seja, está baseada em ações oferecidas ao corpo docente e que se somam ao longo do tempo: cursos, oficinas, seminários. A base é a oferta de recursos técnicos e a pretensa transferência de conhecimentos pedagógico-didáticos. É a soma do modelo academicista com o modelo instrumental-tecnicista moderno.

Atualmente, as políticas educacionais observadas em diretrizes curriculares estabelecidas por órgãos federais de educação estão apoiadas em concepções neoliberais. (BRASIL. Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024). Desde a década de 1980, a educação foi regulamentada para responder a uma suposta objetividade e neutralidade nas práticas docentes. Isso provocou, consequentemente, medidas de vigilância e controle sobre o desempenho docente e discente. Consequentemente, o

trabalho pedagógico segue uma lógica empresarial calcada em resultados. (PIMENTA, 2019). No ensino médio e superior busca a implementação de novos modelos profissionais alinhados a esta tendência ou seja à leis de mercado. Dessa forma, configura-se um “deveria ser” que determina o que se espera dos sujeitos como reprodutores de um modelo educacional alinhado com uma economia neoliberal.

Perspectivas educacionais presentes na formação de professores e que são restritivas do ponto de vista do silenciamento das subjetividades e das emoções dos educadores e educandos não deixam espaço para a transformação. A ênfase nos processos eminentemente cognitivos e/ou no fazer técnico hipertrofiado, numa educação do “dever ser”, deixam de fora a dimensão do afeto e da subjetividade humana.

A nossa educação, herdeira do pensamento ocidental, desde a Modernidade, visou transformar a realidade em algo coisificado, introduzindo um modelo que reduz a educação a processos cognitivos de transmissão-assimilação de conhecimentos, deitando para fora dos ambientes educacionais, das instituições escolares e de ensino superior, os sentimentos e emoções. Destarte, uma experiência pedagógica que não concede valor às vozes dos sujeitos em formação, que não escuta essas vozes, dificulta sobremaneira a transformação em sujeitos de ação e luta. A opressão das subjetividades na sala de aula resvala para o silenciamento de personalidades em formação que potencialmente poderiam atuar no sentido das propaladas transformações sociais.

O potencial da Pedagogia e da Didática sensível para a formação de professores

A Didática sensível é uma concepção complexa e multirreferencial de teoria didática, fundada em paradigmas emergentes, como a epistemologia complexa (Morin, 1999) e a teoria raciovitalista (Maffesoli, 2005), além de fundamentos psicopedagógicos que compreendem a inteligência humana a partir da integralidade entre cognição, corporeidade e emoções. (Gardner, 1994, Damásio, 2012).

É uma abordagem que funda as ações de formação e assessoria pedagógica do NUFAP que coordenamos até o presente momento na Universidade Federal da Bahia. O NUFAP se constitui como um setor de formação contínua para docentes universitários, assumindo os Ateliês didáticos como um dispositivo formacional e adotando a Didática sensível como um dos seus pilares fundamentais. O Núcleo surge como um sonho de idealistas até se transformar em setor reconhecido institucionalmente em 2021. De início em 2016, era o Ateliê didático a única ação de formação pedagógica continuada dentro da instituição. Fora concebido por um grupo pequeno de educadoras, como um curso de formação pedagógica continuada, em formato híbrido, para os docentes da UFBA, partindo de uma perspectiva pedagógica que tinha como base a abordagem raciovitalista, sensível. (D'Ávila e Madeira, 2018).

Anterior àquele momento, em 2013 gestávamos a experiência dos ateliês didáticos no Instituto de Saúde Coletiva da UFBA em uma pesquisa que foi a base para o pós-doutorado realizado na França nos anos de 2015 e 2016. Naquela experiência, chamava de ateliês didáticos o primeiro embrião que viria depois a se transformar no curso de formação continuada na UFBA em 2016. Uma experiência com professores da área de Saúde concretizada mediante os ateliês oferecidos àqueles docentes a partir de suas demandas, dentro da perspectiva sensível. Esta experiência foi publicada no artigo intitulado *Razão e sensibilidade na docência universitária*. Publicado na Revista Em aberto, do INEP, Brasília, no ano de 2015.

O ano pandêmico de 2020, malgrados todos os lutos provocados, foi rico na elaboração de políticas institucionais de formação de professores, em todos os níveis, incluindo-se o segmento universitário e, neste, a Universidade federal da Bahia que nos instou à criação de uma assessoria pedagógica inteiramente digital, fundada em paradigmas interativos e também na didática sensível. O NUFAP passou a ser, então, uma consequência desejada e esperada de todas as ações formativas, fruto, pois, de uma utopia coletiva, na qual incluiu os docentes da UFBA; além das formadoras e assessoras deste núcleo.

Os fundamentos filosóficos e epistemológicos da didática sensível estão apoiados no Raciovitalismo de Michel Maffesoli, no Pensamento complexo de Edgar

Morin (1999). Estes são intelectuais contemporâneos que trouxeram grandes contribuições ao paradigma sensível que defendemos na Didática sensível. Em uma síntese breve, podemos elencar os seguintes princípios filosóficos:

- 1- Estesia e estética: Caminhando do estésico ao estético, os objetos artísticos constituem um caminho de mão dupla, pelo qual o ouvir, o degustar, o cheirar, o tatear, e o intuir nos conduzem à compreensão sensível dos objetos de conhecimento.
- 2- Saber sensível: como um tipo de conhecimento profundo e orgânico, anterior ao conhecimento inteligível, presente em um nível sutil do ser, daquilo que não é explicável racionalmente, mas apreendido pela intuição através e pelo corpo. São antecipações empíricas que abrem caminhos para a apreensão dos objetos de conhecimento.
- 3- Pensar orgânico : é uma racionalidade aberta que compreende o mundo nas suas múltiplas conexões, a um só tempo pela intuição (do pensar orgânico e gestáltico) e razão intelectual. É um pensar que se opõe à lógica formal e convoca uma compreensão abrangente e polilógica das coisas.
- 4- Dialogia: compreende-se fundamental a abertura às subjetividades no processo Pedagógico-Didático, muitas vezes deixadas de lado em nome da objetividade científica.
- 5- Princípio hologramático: traz como essência a compreensão de que o todo é mais que a soma das partes. Assim, enaltece uma visão globalizada dos fenômenos numa perspectiva de complementaridade sem as dicotomias clássicas do pensamento científico moderno.
- 6- O princípio da indissociabilidade emoção e razão: a emoção como um tipo de cognição, pela qual somos capazes de compreender os fenômenos, acontecimentos, conceitos, não exclusivamente pela racionalidade lógica mas pela compreensão intuitiva, globalizante e afetiva que trazemos em nós e que, em algumas pessoas, pode estar em estado de mutismo latente.

Esses fundamentos dão lugar à formação de educadores numa abordagem sensível, experiencial e crítica, para além do racional cognitivo, a partir da linguagem

dos afetos, da arte e ludicidade que defendemos e que fundam princípios operacionais dos ateliês didáticos, os quais podemos resumir em:

- *Problematização sensível da experiência profissional;*
- *Metaforização;*
- *Subjetivação;*
- *Reflexividade;*
- *Compartilhamento de experiências, saberes e sentimentos;*
- *Ressignificação e produção de saberes pedagógicos didáticos.*

Princípios estes que não obedecem sempre a uma ordem sequencial e podem ser intercalados em etapas distintas. Estes princípios, qual categorias analíticas, guiaram a análise das informações produzidas via diários formativos.

Na pesquisa em tela, buscamos auscultar professores universitários acerca de suas representações sobre o ateliê didático do qual participaram nos anos de 2023 a 2024 - principalmente no que tange à abordagem sensível.

ANÁLISE E RESULTADOS

Para analisar os resultados, adotamos a técnica de análise temática (Paillé e Muchielli 2008), por meio da qual buscamos responder nossas questões operacionais sobre os impactos da formação sensível via ateliês didáticos na visão de 85 docentes.

A análise temática significa atribuir temas relacionados a um material colhido na pesquisa empírica. « Trata-se de definir por uma série de expressões curtas (os temas) a essência de uma observação ou de um documento” (Paillé e Muchiello, 2008, p. 164).

Existem dois tipos de análise temática: temas contínuos e temas sequenciados. O primeiro tipo de análise consiste "em um processo ininterrupto de atribuição de temas e, simultaneamente, de construção da árvore temática. Assim, os temas são identificados e anotados à medida que o texto é lido, depois agrupados e mesclados conforme a necessidade e por fim priorizados na forma de temas centrais agrupando temas associados, complementares, divergentes, etc. essa árvore é construída gradativamente, ao longo da busca” (Idem, p.164) Aqui fica a nossa escolha.

Este artigo traz resultados de uma pesquisa autobiográfica. Auscultamos a voz de 85 professores que participaram dos ateliês didáticos mais recentes nos anos de 2023-1 (42 professores) e 2024-2 (43 professores). Em um total de 85 professores, 50% provêm dos cursos de Biologia e Ciências da Saúde; 25% provêm das Ciências Humanas, 15% da área das Ciências exatas, 6% de Letras, 4% Artes.

Analizamos 42 diários de formação disponibilizados pelos docentes no AVA Moodle. Os temas que mais se sobressaíram nos diários foram tratados como eixos estruturadores da análise a partir da sua articulação com os princípios operacionais que regem a abordagem sensível nos ateliês didáticos e se apresentam a seguir como subtítulos das falas dos professores.

A reflexão sobre crenças, valores e concepções pedagógicas (Mergulho na subjetividade)

Professores e alunos de todas as idades e grupos sociais, tanto no ensino quanto como indivíduos, expressam suas subjetividades. O modo de pensar ocidental, baseado na ideologia neoliberal, divide as capacidades sensoriais das pessoas em nome do racionalismo hegemônico, negligenciando sentimentos e sensações. Assim, de início os professores³ pareciam confusos ao serem indagados sobre suas concepções pedagógicas. O difícil mergulho nas subjetividades, o olhar agudo sobre suas crenças e valores pedagógicos não é uma prática corrente estabelecida entre os pares. A reflexividade é um princípio operativo da Didática sensível e elemento propulsor da conscientização sobre as subjetividades que emanam da profissão. Vejamos o que dizem:

Aqui estamos novamente! [...] Antes do encontro fiquei muito confusa, pois via minha prática docente em várias características das diferentes concepções metodológicas. Será que posso servir a vários Deuses? O que entendo como ensino? O que compreendo sobre aprendizagem? Após muitas reflexões, consegui me localizar mais na concepção crítica, mas não sei se é realmente isso que faço... Como não ser "instrumentalista"? Em alguns momentos me vejo nesta concepção, mas também proponho atividades/avaliações/momentos que ultrapassam esta concepção, se

³ Por uma questão de ética da pesquisa, optamos por utilizar pseudônimos para os participantes da mesma.

aproximando da concepção crítica. [...]. Acho que ainda não tenho resposta para o questionamento em qual concepção pedagógica está centrada a minha prática docente. (Profª Amanda).

Renata demonstra questionamento crítico sobre a concepção tecnicista que, segundo a professora, é a mais presente no curso de Veterinária.

Hoje no diário optei por expressar sobre a concepção tecnicista e instrumentalista ao qual (ao meu ver) o curso de veterinária ainda está muito ligado. [...]. Tive em minha formação acadêmica, vários professores formados por essa concepção pedagógica e que a mantiveram durante suas aulas. Por mais que fossem professores excelentes, não havia muita abertura para discussões ou novas técnicas que eram desenvolvidas. Hoje, tanto na UFBA quanto em outras faculdades pelas quais passei, vejo que essa concepção está restrita à uma linha acadêmica pequena, e que, mesmo sendo um curso com alta carga horária de aulas práticas, além de ensinar as técnicas a serem aplicadas, ensina-se ao aluno escolher a melhor técnica, desenvolver seu raciocínio lógico e crítico para cada caso e contextualizado na pesquisa.

Segundo as percepções de Lara os professores ainda referem uma concepção academicista de ensino. A concepção academicista segundo D'Ávila e Madeira (2018) é ainda muito arraigada nas práticas e discursos universitários. Oriunda, como deslindamos na fundamentação teórica, de uma ótica conservadora reprodutora de modelos ancestrais:

Percebo que ainda há em sua maioria uma concepção academicista, no qual o professor "passa" o conhecimento para os estudantes e estes permanecem passivos "aguardando" esse conhecimento chegar. Também observo essa ideia tecnicista, no qual o foco tem que ser o aluno "entrar" no mercado de trabalho sem se preocupar em uma formação do estudante como cidadão. [...] em seguida foram apresentadas diferentes concepções que me identifico mais como uma concepção sociointeracionista, que já vê o estudante como protagonista e a pedagogia freireana, que utiliza o conhecimento que os estudantes já possuem.

Rita expressa com muita naturalidade suas inquietações em um processo formativo que se inicia:

A 2ª aula do curso foi, na verdade, minha 1ª aula do Ateliê Didático. Gostei bastante das discussões, mas me senti um pouco "peixe fora d'água" ao escutar colegas com uma base de pedagogia falando sobre autores e

vertentes desta área, sendo que eu não sei quase nada. A aula me deixou mais inquieta em mudar minha atuação. Espero conseguir.

A partir da leitura de todo material analisado tornou-se incontornável a inclusão de um eixo estruturante neste processo: as “Condições de trabalho docente versus a formação continuada vivenciada”. A intensificação do trabalho docente na Universidade é uma realidade estudada e tem se constituído em tema bastante estudado por autores da atualidade. (Pimenta, 2002; Nóvoa, 1995). Tal fenômeno leva à precarização do trabalho docente que vem quase sempre acompanhado por baixos salários, falta de reconhecimento e condições de trabalho inadequadas, afetando a saúde e a autonomia profissional dos professores. Essa situação tem consequências tanto para a vida pessoal quanto profissional dos docentes, e esteve presente de modo recorrente nos depoimentos dos professores:

A cada semestre tenho a sensação de que o trabalho se multiplica, os professores estão esgotados e os alunos também. Com aprender neste contexto? Lembrei agora da dinâmica que Lela fez no encontro presencial. Gostei muito e de certa forma me ajudou a relaxar e a me concentrar na aula. Foi uma experiência muito legal e gostaria de incorporar algo do tipo nas minhas aulas. Mas penso logo em seguida, como dar conta de todo o conteúdo e também fazer isso? Isso seria investimento de tempo ou "perda" de tempo?! (Amanda).

Hosana refere cansaço acumulado e necessidade de formação:

Registro o cansaço acumulado da semana de trabalho 40h DE que sempre é ultrapassada porque não cabe tudo que precisa ser feito nos dias úteis, com a realização das atividades do ateliê, tanto online quanto presenciais. Por mais que sejam legais e interessantes, no início principalmente achava uma demanda grande, mesmo sabendo que essa é a realidade de quem trabalha e estuda, fiquei pensando em como melhorar as condições dessas atuações precisa ampliar o tempo de descanso e lazer, ao invés de sobrecarregar as horas já trabalhadas

Carvalho também reflete sobre as condições de trabalho e a formação:

Fiquei um tempo sem escrever aqui, mas o processo é comum. Estou dando mais de 22 créditos esse semestre e realizando o ateliê didático. Isso me traz o que mais questiono dentro do curso: O tempo. Vários professores estão no mesmo barco, apesar de entender que leitura prévia e execução de atividades são importantes, administrar o tempo durante a semana é complexo. Nós estamos trabalhando com pesquisa, extensão, gestão e ensino, e somos

alunos também. Isso me refere a atividade docente, o quanto podemos ou devemos cobrar dos alunos fora da sala de aula. Como discutido na aula do perfil do aluno UFBA, mais e mais temos alunos arrimo de família, por experiência própria vejo que não é possível ler e fazer tudo que é pedido.

Nando fala a respeito das condições para um professor recém chegado à Universidade:

Enquanto se falou dos dilemas na relação vivida com os estudantes, pensei também na difícil relação entre os docentes (divididos em grupos, querelas e projetos pessoais) e na falta de estrutura administrativa da Universidade. A sensação de quem chega é igual a do jovem que sai da Universidade com um diploma - "agora é com você, se vire". A universidade deveria ter assistentes administrativos ao quadro docente, assistência à captação de projetos, estruturação de pesquisa etc. mas o quadro é pequeno e voltado ao atendimento de tarefas burocráticas.

É urgente se pensar sobre o binômio condições de trabalho e formação continuada docente. Até quando os dirigentes educacionais de IES públicas ou privadas estarão à parte desse debate? Essas reflexões têm a ver com a capacidade de refletir e problematizar suas condições de trabalho, agudizando um olhar crítico sobre a docência na Universidade.

Compartilhamento de experiências

Um outro eixo estruturador das análises dos diários dos professores que emergiu com muita força foi o poder transformador do compartilhamento de experiências entre pares no Ateliê didático.

O compartilhamento de experiências constitui um princípio operativo da Didática sensível na formação de professores. É neste contexto que os atores exprimem angústias, pensamentos amalgamados com sentimentos, emoções e práticas. A experiência é toda situação vivenciada que transforma atores sociais e ação pedagógica. (Larrosa, 2002). Maria traz seus dilemas; é a voz do seu íntimo que fala de suas angustias na sala de aula e da força do compartilhamento de experiências com colegas:

Meu primeiro dia no ateliê! [...] passamos para o trabalho em grupo, cujo o tema era conflitos/dilemas pedagógicos em sala de aula. Compartilhamos

nossas vivências, e percebi que poderíamos ficar o dia inteiro discutindo os temas trazidos que mesmo assim seria pouco. O que me chamou atenção é que compartilhamos angustias semelhantes, avaliações, plágios, inclusão, ansiedade por parte dos discentes e docentes. Talvez o que sentimos e vivenciamos é exatamente semelhante com o que outro colega também vivenciou, e muitas vezes a resposta do que fazer está nele. Ou será que a culpa é da instituição? Será que deveríamos ter um apoio psicológico nos leve a pensar e a decidir a melhor forma de lidarmos com tais situações.

Adriana fala de interações e trocas e formação da consciência.

A interação e trocas com os colegas também tem sido muito agradável, pois proporcionam um ambiente caloroso e acolhedor. Dessa última aula, não posso deixar de mencionar, e o faço com grande destaque, a dinâmica do corpo, dirigida lindamente por nossa colega Lela. Como essa consciência de si, feita no coletivo, é rica e importante, demonstra o quanto somos um todo, e também, que cada um de nós não é apenas cabeça, razão, mas corpo, toque, movimento, materialidade... A reflexão que me calou fundo a partir desse momento tão gostoso e descontraído foi de reconhecer que o nosso aluno também é esse todo, que não só pensa e aprende, mas também sente, também precisa de movimento, toque, atenção... pois traz um mundo em si.

Raimundo, Morena, Kika e Paty enaltecem a formação através do compartilhamento com seus pares, acentuando o sentimento de pertença, o compartilhar de dilemas docentes, a convivência em si e alegria das trocas e reconhecimento mútuo:

A aula me fez sentir alívio. Eu cheguei em Salvador como estrangeiro. Eu já tinha morado no sul do Brasil e ministrado aulas lá. Mas nunca recebi aulas como aluno no Brasil e, como alguém disse durante as apresentações, “o trabalho da docência é muito solitário”. Por ter chegado na UFBA finalizando a pandemia com as aulas ainda remotas, tal vez essa sensação, misturada com o fato de ser estrangeiro, tenha sido ainda mais forte. Então senti alívio de perceber que muitos professores experimentam medos semelhantes com os meus. Ou, pelo menos, se sentem desorientados de forma semelhante. (Raimundo).

Mas nesse encontro que falamos sobre dilemas na sala de aula foi de certa forma reconfortante ver que outros professores também compartilhavam do mesmo dilema de que eu. Na dinâmica proposta eu falei sobre o dilema dos alunos do BI, uma turma com muitas áreas diferentes que estão ali atrás de um dez! Além disso, eu tive que recalcular a rota quando imaginei que estava planejando aula para alunos da biologia e na verdade não era isso! (Morena)

O grupo diversos também foi interessante. As trocas e compartilhamentos. Reencontra alguns colegas também foi uma alegria. Confesso que tive que aprender e treinar mais a paciência e tolerância com uma colega que é prolixa

e, muitas vezes, monopolizou a fala na turma. Mas considero um aprendizado também. (Kika)

A aula foi maravilhosa, realmente estimulante para pensar o currículo! Também gostei muito da troca com os professores, colegas, da Medicina, da Psicologia, da Biologia e de outros cursos. Espero frequentar o curso até o final e cumprir as tarefas! (Paty).

Sobre as interações Lena reflete:

Um outro aspecto despertou a minha atenção: a formação dos grupos operativos. Foi simplesmente incrível ouvir e compartilhar tantas experiências interessantes! Perceber que meus pares vivenciam os mesmos dilemas, com diferentes nuances, leituras e atitudes. O recurso da dramatização proporcionou uma ambiente descontraído para profundas reflexões sobre a nossa práxis.

É tão maduro e reconfortante poder analisar estas falas! A importância dos grupos operativos, das trocas e compartilhamentos na aprendizagem contínua da docência são um recurso incontornável em processos formativos. E constituem parte dos princípios operacionais na Didática sensível no processo de formação de professores.

A aula sobre planejamento a partir de uma abordagem cooperativa chama a atenção de Leandra:

Nos dividimos em duplas e trios e conversamos sobre os planos uns dos outros. Bem, no meu caso, só dos outros... Comento que o plano dos colegas produziu fome, nos deixou com vontade de cursar as disciplinas. Ótimo começo. Olhar os planos articulando cada uma de suas partes foi muito organizador. Informações valiosas foram compartilhadas e fico animada pra construir o plano de ensino-aprendizagem. Saio com fome.

A “fome” mencionada por Leandra faz referência ao tema da aula e ao conceito de aprendizagem e ensino associados ao desejo. O desejo como o motor de todas as coisas e como a chave que faz despertar o aprender como ação humana integrada à experiência transformadora. A “fome” faz referência à excelente crônica de Rubem Alves (2002) utilizada como metáfora no início da aula associada à sensibilização como o primeiro passo de nossa coreografia didática. (D’Ávila, 2022).

Metaforização e aprofundamento dos conteúdos internos

A metaforização constitui outro princípio operativo relevante da Didática sensível. Metáforas são imagens, figuras de linguagem, que utilizamos para representar alguma coisa ou conhecimento de modo implícito. São formas criativas de designar e interpretar as coisas, situações, fatos, conhecimentos. A metaforização a qual o professor deve recorrer na didática sensível, se refere à produção de situações criativas (lúdicas, artísticas) que envolvam os partícipes no interjogo de ensinar e aprender. (D'Ávila, 2022).

Sobre metáfora das constelações Maria B. fala da oportunidade de trazer um pouco sua história de vida.

A minha constelação pedagógica. A minha primeira influência, além da minha família, é claro, foi uma professora chamada Ita. Essa professora se dizia ser educadora, e foi bastante marcante o seu trabalho em minha vida, com ela eu descobri “que somos do tamanho dos nossos sonhos, e que então devemos sonhar sempre”. E sempre que pensava em desistir dos meus sonhos lembrava da fala dessa professora.

Beatriz afirma o potencial transformador das constelações identitárias.

O sentimento foi de gratidão. Fazer um giro experiencial da minha história foi transformador. Resgatar memórias, lembranças, nomes e pessoas que trouxeram até aqui foi muito emocionante e me trouxe um panorama muito bacana sobre as partes que me compõem como professora. No fundo, tornar-se professora (este processo contínuo e sem fim) é costurar uma grande colcha de experiências, ensinamentos, lembranças, pessoas, desafios... e ser professora de futuros professores é ainda mais especial neste sentido. Já gostei da ideia de fazer uma constelação identitária com meus estudantes!

O uso das metáforas criativas anima a participação do grupo e o conduz a um imbricamento profundo, orgânico com o conteúdo, com a aula enquanto fenômeno integrado. As metáforas são essenciais na Didática sensível e conduzem à capacidade de imaginar e não somente assimilar conhecimentos. Imaginar está para além de observar tão simplesmente. Imaginar depende de contemplar, pensar e sonhar ou fruir. O ensinar/aprender na Didática sensível permite esse movimento da fruição à imaginação, à resignificação de conceitos à sua recriação – o momento de pôr em prática os conhecimentos não como uma repetição de modelo, mas como exercício de autoria. (D'Ávila, 2022).

A reflexividade nos Diários de bordo

A reflexividade constitui outro princípio dos processos de formação na perspectiva sensível. Dentre autores brasileiros que se destacam quanto à elaboração deste conceito se situa Paulo Freire (2005 e 2015). Em sua obra seminal - *Pedagogia do oprimido* (2005) - a reflexividade permite ao indivíduo sair de um estágio de consciência ingênua (aceitação acrítica da realidade) para o de consciência crítica (questionamento crítico da realidade social). Em *Pedagogia da autonomia* (1996), o autor reconfigura o conceito de reflexividade em saber pedagógico, através do qual o professor deve refletir sobre sua própria prática, reconhecendo-se como um sujeito inacabado e em constante formação. Outra ressignificação importante na literatura brasileira foi elaborada por Pimenta (2002). Para ela, a reflexividade não se limita à eficiência técnica (como propõem modelos instrumentalistas), mas exige uma postura ética e política, capaz de problematizar as demandas burocráticas, a mercantilização da educação e os mecanismos de controle que intensificam o trabalho docente.

Os diários dos professores constituem, assim, um marco fundamental nos ateliês didáticos e representação clara dessa categoria: Assim, Beatriz refere sobre o processo vivido no Ateliê:

Confesso que a parte mais complexa de todo este processo vivido no Ateliê didático foi a regularidade na escrita deste diário. As inúmeras atividades que a universidade nos relega cotidianamente (e numa pressa sempre muito emergencial), vão nos constrangendo, muitas vezes, a competentes executores de tarefas pouco refletidas. Vejo este diário como um convite à nadar contra a corrente, à inverter a lógica do tempo cronológico e produtivista, para o tempo da vivência, da reflexão sobre a ação e da reflexão-em-ato. O tempo da práxis.

A reflexividade sempre presente e instigante nos ateliês levou Roberto, Cesar e demais professores aqui elencados a *sentir-pensarem* a respeito das diferenças nas relações da sala de aula. Aspectos de uma pedagogia antirracista foram sinalizados e compreendidos pelos professores que, mergulhando em suas experiências e saberes subjetivos reveem práticas, olhares.

Aula singular. Encontro sensível. Decolonialidade. Poucos professores negros. A principal ideia que eu refleti foi a assistência, ou seja, o professor tem que se doar. A caminhada é romper com a colonialidade. Por exemplo, artigos com visão e publicação nacional na área da Geociência. (Roberto)

Conhecer melhor o perfil do estudante UFBA, portanto, dos meus estudantes, dos jovens que, em algum momento, confiam a mim sua educação e formação, sensibilizou mais meu olhar para as particularidades que os cercam. Em várias ocasiões, eu tenho sido confrontado com frases "não chegue a tempo porque moro em tal lugar"; "sai antes porque faço estágio, ou porque trabalho" que me levam a pensar que estou lidando com seres humanos concretos que, quando entram na sala de aula, não deixam sua vida lá fora simplesmente. Pelo contrário! Trazem isso para a sala de aula e demandam de mim a capacidade e a empatia de não apenas compreender, mas perceber que o processo de aprendizado passa por essas experiências e está, também voltado para a sua transformação. (César).

A professora provinda da região Sul analisa detidamente a sua *experivivência* na aula sobre o novo perfil de estudantes que adentram as salas de aula na contemporaneidade.

Sou do RS, um estado em que os negros são ainda mais invisibilizados porque além de tudo somos minoria, vivendo intensamente as questões raciais muitas vezes sem perceber, sem se reconhecer. Me encontrei negra na Bahia, e a partir dessa identidade passei a entender muitos processos pelos quais passei, e como disse, sem saber que eram produto do racismo. Em algum lugar o colorismo me invisibiliza, hora sou negra hora não sou. E isto me fez pensar, muitas vezes, que havia algo de errado comigo e que teria escolha em não ser negra. Grande engano! Mas aqui me reconheço e reconheço em alguns estudantes minhas experiências acadêmicas.

Teka , Lara e Juliana comentam sobre o perfil do estudante e o sentimento evocado de se repensar a heterogeneidade dentro da Universidade e as práticas pedagógicas que necessitam responder positivamente às questões postas. Rever posturas e atitudes a partir de uma sensibilização profunda sobre o tema do racismo foi fundamental. O *sentir-pensar* emerge com tanta evidência que conduz a transformações profundas nas atitudes profissionais. Esta é a crença numa abordagem crítica e sensível.

O perfil do estudante da UFBA, essa foi a última discussão o que me levou a pensar na importância do REUNI para tornar a universidade mais heterogênea. É um grande desafio saber quem são os nossos alunos e enxergá-los como

são, de fato. Obvio que essa riqueza impacta diferentemente nos vários cursos da UFBA e nem todos os docentes estão preparados para isso. (Teka)

Uma aula que me marcou muito foi sobre o perfil e questões do estudante UFBA. Nesta aula vivenciei e refeti sobre quais atitudes emergem da prática docente e como lidar com questões anti-racistas. Refletimos sobre diversas questões que envolvem o perfil dos estudantes hoje e antigamente. A aula começou de uma maneira maravilhosa, com uma música que não conhecia de Nina Simone mas que me fez refletir muito sobre como lidamos com diversas questões pessoais na nossa vida. O relato dos estudantes que foram convidados foi bem importante e impactante para mim e me fez refletir como os alunos de diferentes perfis são tratados muitas vezes de forma discriminada e invisibilizada por colegas e até mesmo por docentes. (Lara).

Preciso contar que segurei o choro em diversos momentos durante a última aula, não só com os relatos dos alunos, mas também com grandeza das Professoras em falar sobre racismo para uma turma em que, a grande maioria, nunca vivenciou esse sofrimento. Eu, como uma mulher branca, estou no time do Dário, que muito bem colocou sobre a vergonha diante de tanto absurdo vivenciado pelos colegas. Salvador me transformou de muitas maneiras, muitas... mas a maior delas foi de reconhecer meu lugar de privilégio e me manter vigilante, diariamente, para não reproduzir ou ser conivente com tal violência. (Juliana).

A reflexão levou à conscientização do papel sensível e crítico dos professores na formação dos estudantes.

Avaliando o Ateliê, sobre a abordagem sensível

Consideramos fundamental trazermos aqui excertos dos depoimentos dos professores que avaliam o potencial dos ateliês didáticos e a abordagem sensível em suas formações para finalizarmos nossa análise e avaliarmos o objetivo da pesquisa.

O ateliê em deixou mexida e incomodada, mas ao mesmo tempo feliz ao perceber que não estou tão distante como eu pensava de uma prática pedagógica sensível. Porém, embora eu acredite e seja adepta dessa abordagem, na prática ainda tenho dificuldade de operacionalizar. Tanto devido a questões mesmo institucionais, resistência de alunos e de outros colegas com quem divido os componentes curriculares. E mesmo um despreparo meu para planejar e conduzir aulas mais participativas e com maior autonomia para os estudantes. Com relação a esse último aspecto, sinto-me mais preparada e motivada a estudar e buscar mais. E desejo modificar minha prática pedagógica na UFBA. Tenho dois anos e meio na

instituição como docente efetiva e sinto que posso ir fazendo essa construção. (Kika).

A fala de Romeiro é fundante na nossa análise, por isso sua transcrição foi literal. O professor fala de sua transformação e das grandes dificuldades porque passam um professor iniciante e substituto sem muito apoio na Universidade.

Uma mudança drástica ocorreu: do meu último relato acima até aqui, comecei a dar aulas como professor substituto. Em síntese: é imensamente gritante a diferença entre você estudar, aprender pela teoria, e você praticar, exercer a docência. Estou tendo dificuldades. Tenho alunos autistas, alunos com depressão e uma aluna que acabou de tentar suicídio. Tenho também alunos que apenas dormem em sala, que ficam o tempo inteiro no celular....Por ora, me vejo estimulado a continuar; em outras, me vejo em dilemas que colocam em xeque meu desejo de ser professor. Estou refletindo, absorvendo toda e qualquer experiência a fim de me encontrar em mim mesmo. As aulas do Ateliê vêm me ajudando. Vejo professores experientes relatando coisas parecidas, enfrentando os mesmos dilemas e... olha só! Não desistiram!

Representou a realização de um sonho! Esperei tanto por este Ateliê presencial. A cada contato que tenho com a Equipe de Professoras maravilhosas que compõem este curso, eu percebo uma evolução em minha didática. Adquiri muita segurança em sala de aula após fazer meu primeiro Ateliê que foi online e todas as Jornadas que aconteceram desde lá. Entro em sala de aula segura e tranquila. Compreendo que aquele é um ambiente de construção em que o professor e estudantes irão caminhar e gerar conhecimentos mútuos. A experiência de vida trazida por todos conta muito e deve nortear todos o processo em sala de aula. (Pereira).

Hoje foi o início de uma experiência maravilhosa para mim. Sempre tive o desejo de trabalhar a minha sensibilidade em sala de aula e estou na expectativa sobre o que o Ateliê proporcionará.” (Lena)

A participação no Ateliê Didático tem sido muito importante para minha formação continuada, tanto para que eu possa rever minhas práticas enquanto docente, quanto para repensar minha atuação enquanto formadora de novos professores. O sentimento inicial da formação foi de acolhimento e compartilhamento de tensões que envolvem as nossas práticas pedagógicas. (Julia).

Refletindo sobre esse primeiro encontro, fiquei pensando em como esse formato de ensino-aprendizagem dialoga diretamente com aquilo que busco implementar em minha própria prática docente. A construção coletiva do conhecimento, o espaço para trocas sinceras e a importância de criar ambientes seguros para o aprendizado são aspectos que valorizo profundamente. No entanto, nem sempre é fácil criar essas condições nas aulas. O "Ateliê Didático" me fez perceber que é possível, sim, estruturar

dinâmicas que incentivem a participação ativa de todos, desde que haja planejamento e uma compreensão clara dos objetivos pedagógicos. [...] (Antonio).

Essa foi uma fala potente, pois Antonio traz e revela princípios operacionais da abordagem sensível que ele intuiu de forma convergente com nossa proposta. Primeiro a Dialogia presente em nossos fundamentos apoiados em Freire (2005) e Morin (1999); depois ele traz o Compartilhamento de experiências, saberes, conhecimentos. E a experiência transformadora do Ateliê, por força da abordagem com a qual se trabalha.

O compartilhar de experiências e o sentimento de pertença mobilizado nas trocas, assim como as transformações comprovadas por Thaís e Miranda são inspiradores para o ateliê didático. Assim como a compreensão sobre as concepções pedagógicas que sustentam suas práxis.

O primeiro encontro do ateliê trouxe uma sensação de pertencimento e de uma possibilidade de compartilhamento de incertezas. O fazer docente termina sendo vivido de modo muito isolado e enfrentamos dilemas e desafios diversos sem tantas oportunidades de conversar sobre, de ouvir colegas. Foi bem interessante escutar a leitura do texto que afirma que o professor é o profissional das contradições. De alguma forma escutar sobre isso, trouxe algum conforto para essa sensação que parecia muito individual. [...]. Em uma mesma sala cabem diferentes perspectivas sobre o nosso fazer? Acredito que sim, assim como acredito também que um entendimento mais claro de quais concepções sustentam e orientam o nosso fazer pode contribuir para uma maior clareza para o modo como vemos a docência e para lidar com os sentimentos conflitantes ou mesmo com as angústias que aparecem em momentos mais desafiadores. (Thaís).

Olá, já passamos da metade do curso, e, a essa altura, posso afirmar com segurança que cursar o ateliê foi uma escolha muito assertiva. Principalmente por estar no início da minha carreira docente na UFBA, considero esta uma excelente oportunidade para conhecer melhor a estrutura de ensino da universidade, compreender os desafios do processo de ensino-aprendizagem que enfrentarei, refletir sobre as metodologias didáticas que desejo adotar em minha prática, conhecer o perfil do estudante da UFBA e entender como a diversidade deve ser respeitada e incluída na sala de aula. Ainda, pude pensar sobre quais tópicos são importantes para serem abordados nas minhas disciplinas e, a partir disso, como posso elaborar um plano de trabalho e um plano de ensino mais eficientes. (Miranda).

Os excertos extraídos dos depoimentos dos professores falam por si. Consideramos que estes são a expressão da experiência pedagógica dos Ateliês

didáticos empreendidos na UFBA, nos últimos anos e evidenciam os princípios filosóficos e operacionais que sustentam este dispositivo de formação, presentes na Didática sensível.

SISTEMATIZANDO OS RESULTADOS – breve discussão

A análise dos 42 diários de formação docente revela um cenário complexo e multifacetado da prática pedagógica no ensino superior, evidenciando tanto os desafios estruturais quanto as potencialidades transformadoras de processos formativos baseados na abordagem sensível. Os registros demonstram que os professores vivenciam um profundo processo de reflexão sobre suas concepções pedagógicas, marcado por dúvidas e tensões ao se depararem com a necessidade de identificar e problematizar as bases que orientam sua prática. Esse mergulho na subjetividade, como ilustrado pela fala da Profª Amanda - "Será que posso servir a vários Deuses?" - revela a complexidade de se posicionar criticamente em um contexto educacional que frequentemente oscila entre diferentes paradigmas, do tecnicismo instrumental à perspectiva crítica freireana.

Um dos aspectos mais recorrentes nos diários refere-se à contradição entre as exigências da formação continuada e as precárias condições de trabalho docente. As narrativas de professores como Hosana e Carvalho expõem a realidade da intensificação do trabalho na universidade, com relatos de jornadas exaustivas que ultrapassam as 40 horas semanais, sobrecarga de atividades e falta de suporte institucional. Essa realidade, já amplamente discutida por autores como Nóvoa (1995) e Pimenta (2002), aparece nos diários não como mera constatação teórica, mas como experiência concreta que impacta diretamente a qualidade do ensino e a saúde dos docentes. A angústia expressa na pergunta "Como aprender nesse contexto?" sintetiza o dilema de profissionais que desejam se formar, mas se veem asfixiados por demandas burocráticas e estruturais.

Contrapondo-se a esse cenário desafiador, emerge com força nas narrativas o poder transformador do compartilhamento de experiências entre pares nos ateliês didáticos. O espaço coletivo de formação mostrou-se como um antídoto ao isolamento

característico da profissão docente, permitindo que angústias, dilemas e saberes fossem socializados. Professores como Raimundo e Morena destacaram o caráter reconfortante de descobrir que seus desafios eram compartilhados por colegas, enquanto Adriana e Lena ressaltaram como as dinâmicas sensíveis - como aquelas que envolviam o corpo e a música - possibilitaram uma compreensão mais integral do processo educativo. Esse movimento dialógico, fundamental na perspectiva freireana, revelou-se como eixo central para a construção de práticas pedagógicas mais reflexivas e contextualizadas.

A abordagem sensível, com o uso criativo de metáforas que integram razão e emoção, mostrou-se particularmente eficaz para promover processos profundos de reflexão identitária e revisão de práticas. As constelações pedagógicas, por exemplo, permitiram aos docentes resgatar suas histórias de vida e ressignificar suas trajetórias profissionais, como evidenciado no relato de Beatriz sobre "costurar uma colcha de experiências". Simultaneamente, a reflexividade crítica incentivada nos ateliês levou a confrontos necessários com questões estruturais, como o racismo institucional e as desigualdades sociais que marcam o perfil discente contemporâneo. Os depoimentos de César e Juliana, ao abordarem suas experiências com estudantes trabalhadores e sua própria posição de privilégio, demonstram como a formação sensível pode fomentar uma postura ético-política mais consciente e comprometida com a transformação social.

Em suma, a análise dos diários revela que a formação docente baseada na Didática Sensível representa muito mais que uma alternativa metodológica - configura-se como uma necessidade urgente no contexto atual da educação superior. Ao mesmo tempo que expõe as contradições de um sistema que sobrecarrega seus professores enquanto exige deles constante aperfeiçoamento, a experiência demonstra que é possível construir caminhos formativos que reconheçam a integralidade dos sujeitos, fomentem a coletividade e promovam práticas pedagógicas verdadeiramente transformadoras. Os depoimentos deixam claro, contudo, que essas iniciativas precisam ser acompanhadas de políticas institucionais que enfrentem a precarização do trabalho docente, sob o risco de se tornarem mais uma demanda em meio à já intensificada jornada profissional. Como questionam os próprios professores em seus

diários, até quando os gestores educacionais permanecerão alheios a esse debate fundamental?

CONCLUSÕES

Saberes, conhecimentos, sentimentos entrecruzados numa rede de relações intersubjetivas com professores da Universidade caracterizam a experiência formacional dos Ateliês didáticos na UFBA. cremos que a pesquisa empreendida responde aos objetivos enunciados: Compreender os efeitos de uma pedagogia e didática sensíveis na formação de docentes, tendo em vista seu potencial transformador, não só nas estruturas do pensamento, mas nas estruturas do pensar, sentir, agir pedagógicos. O norte enunciado trouxe como caminho metodológico a análise dos escritos profundos, autobiográficos, dos professores, eivados de sentimentos e de racionalidade que em síntese, podemos concluir, estiveram fundados em uma razão sensível que é a essência da nossa abordagem.

Princípios filosóficos e operacionais foram evocados a partir dos discursos dos professores e guiaram todo o processo de análise: a problematização sensível, metaforização subjetivação, reflexividade, compartilhamento de pensamentos, sentimentos e ações.

Outras categorias emergiram e com ênfase foram tratadas na nossa análise como as “condições de trabalho do docente universitário”, pois não se pode separar história pessoal de história profissional e social, pedagogia de sociedade, prática pedagógica de prática social. A abordagem sensível não poderia jamais se apartar de uma compreensão do todo global e local que entornam os professores em suas práticas pedagógicas que são também uma modalidade da prática social. A Didática sensível é também crítica.

Fica claro o quanto o trabalho com o perfil dos estudantes numa abordagem antirracista e antissexista impactou os professores, e o princípio da reflexividade sempre presente no ateliê deu conta de afetar os professores, de perturbá-los em suas posições trazendo possibilidades de transformação.

Deve-se salientar, nesta conclusão, que a pesquisa apresenta limites, quais sejam: trata-se de pesquisa qualitativa e método autobiográfico, o que demanda um forte conteúdo subjetivo, o qual pode favorecer vieses na interpretação dos resultados. A análise foi procedida com rigor, seguindo-se detidamente o método de análise temática de acordo com Paillé e Muchiello (2008), a fim de diminuir ou eliminar a tendência a vieses.

Convém ressaltar que pesquisas dessa natureza sobre a formação, auto e heteroformação de professores universitários constituem expediente necessário à transformação de práticas pedagógicas ainda calcadas em modelos conteudistas transmissoriais, experiência que pode ser replicada em outros contextos, ajustando-se, sempre à contextualidade do espaço institucional e cultura local.

Por fim, desejamos salientar que as transformações cognitivas passam pelas transformações subjetivas mais profundas, afetivas, emocionais. Assim, a formação do *pensar crítico* para que se transforme em *saber ser* precisa necessariamente estar amalgamado com o *sentir*. Daí a tríade que defendemos do *sentir-pensar-agir* estar voltado para as transformações do ser e para as transformações sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein.9394.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2021.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para cursos de formação de professores para a Educação Básica. **Resolução CNE/CP nº 4**, de 29 de maio de 2024.

CUNHA, Maria Isabel. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DAMÁSIO, António. **L'erreur de Descartes: la raison des émotions**. Paris: Odile Jacob, 2006.

D'ÁVILA, Cristina e VEIGA, Ilma Passos (org). **Didática e docência na educação superior**. Implicações para a formação de professores. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2012.

D'ÁVILA, Cristina Formação e assessoria pedagógica a docentes universitários: um estudo de casos no Brasil e em Québec. **Revista Práxis Educacional**, v. 20, n. 51, e14876, 2024.

D'ÁVILA, Cristina. **Didática sensível**. São Paulo: Cortez Editora, 2022

D'ÁVILA, Cristina; MADEIRA, Ana Verena (orgs.). **Ateliê didático: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários**. Salvador: EDUFBA, 2018

Dicionário etimológico. **Etimologia e origem das palavras**. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em: 26 fev. 2025

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

LANGEVIN, Louise (org.). **Formation et soutien à l'enseignement universitaire: des constats et des exemples pour inspirer l'action**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MACEDO, R. S. **Pesquisa contrastiva e estudo multicaseos**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de currículo e formação: o príncipe provocado. In: **Revista Teias** v. 13, n. 27, 67-74, jan./abr. 2012

MAFFESOLI, Michel. **Éloge de la raison sensible**. Paris: La Table Ronde, 2005

MASETTO, Marcos Antônio. Inovação curricular no ensino superior. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 1-20, ago. 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 7 ago. 2021

MORIN, Edgar. **Introduction à la pensée complexe**. Paris: ESF Éditeur, 1999.

NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995

PAILLÉ, Pierre; MUCCHIELLI, Alex. **L'analyse qualitative en sciences humaines et sociales**. Paris: Armand Colin, 2008. p. 231-314

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002

PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de (orgs.). **Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011

PIMENTA, Selma Garrido. As ondas críticas da didática em movimento. In: Silva, Nascimento e Zen. **Didática: abordagens teóricas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2019.

TERRIEN, Jacques; DIAS, Ana Iório (orgs.). Docência universitária. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 29, n. 97, p. 5-7, set. 2016

VEIGA, Ilma Passos A. **Educação superior: políticas educacionais, currículo e docência**. Curitiba: CRV, 2020.

HISTÓRICO

Submetido: 04 de Mar. de 2025.

Aprovado: 18 de Mai. de 2025.

Publicado: 23 de Mai. de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

D'ÁVILA, CRISTINA. ATELIÊS DIDÁTICOS: TECENDO UMA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA CONTINUADA PARA PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NA PERSPECTIVA DA DIDÁTICA SENSÍVEL. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 29, n.60, 2025, eISSN:2526-8449.